



Carta antiga de uma jornalista

CELSO MARIA DE MELLO PUPO

Da Academia Campinense de Letras

Há mais de sessenta anos, em dois de dezembro, num jantar, comemorava-se o aniversário do dono da casa. Era uma vasta vivenda, no canto de uma quadra cheia de arvoredo, fruteiras preciosas, flores variadíssimas e mui apreciadas no fim do século, vivenda que bem caracterizava o bom gosto daquela gente; fazia frente para uma praça, com gradil e amplas janelas, entrada pelo longo pretório que deitava a sacada para o jardim, e fazia esquina para a rua Onze de Agosto com as numerosas aberturas que davam, ao prédio, classe entre as alegres e luminosas residências da época, ricas de adornos, mobiliário e obras de arte, cheias de luz, musicadas pelo cantar dos passaros, pródigas em iguarias, em frutas brasileiras e vinhos franceses dos mais puros.

Alguem que não estava presente ao jantar, lá do Rio de Janeiro reconstituía a festa de imaginação, e a descrevia em carta rimada de parabéns e notícias:

"Guilherme,

E' com saudade bem viva que eu agora me lembro ao ver a data festiva, o grande dois de dezembro dos outros anos passados, em que eu aí em Campinas, fiz uns "menus" mal rimados e ajudei às meninas, não a fazer os sequeiros, detesto tal adjutório, mas a fazer... trocadilhos e a provocar falatórios. Já vejo os teus convidados que vão aí cada ano, à tua mesa sentados: Sales, Eugênio, Adriano; e do outro lado da mesa, sentada ao pé de Sinhá, a comer tudo a francesa, daqui estou vendendo Lalá; só eu não como o jantar, nem sobremesa, nem nada, até receio ficar de lombrigueira assustada... O' espingarda tão linda, bôlo de côco, manjar, doces de D. Lucinda, eu não vos posso provar"

Depois, nos conta esta carta o que se passava no Rio, justamente ao empossar-se na presidência da Republica o campineiro Campos Sales. O relato, ainda rimado, tanto tem de espírito como de interesse para Campinas que, talvez, já olvide o jubilo pelos triunfos do filho querido:

"Cá andou tudo em folia, o povo todo contente, festa à noite e de dia, quando saiu o Prudente; dizem que ao Santo Varão há gente reconhecida, mas pelo sim pelo não, vão festejando a... saída; e renasceu a esperança de um tempo livre de males; já se vê toda a mestrança ao lado do Campos Sales que vem risonho e pachola com ares muito corretos, mostrando ter na cachola inumeráveis projetos. Enquanto vai-se o Prudente como qualquer cascabelho, anda ele sempre imponente, sempre fazendo barulho e num continuo mostrar de novos trajes modernos; chega a fazer-me lembrar o outro Sales, o dos ternos. Enfim não acho que o luxo possa julgar-se um defeito, desde que aguento o repuxo, faça-lhe lá bom proveito.

Havendo tantos festejos, festas tão belas, tão várias, apenas tive desejos de apreciar luminárias; e não será nada estranho que o meu mau gosto tu notes, porém, assim em rebanho, eu nunca vira holofotes; e vim da praia contente e a me sentir deslumbrada; foi uma festa imponente essa que foi realizada.

Nada mais vendo de novo, parar aqui é preciso e abraçando esse povo e ainda a ti, finalizo.

Alex"

Alex e Marquesa de Marilá eram pseudônimos de D. Alexandrina Silva Couto dos Santos, poetisa, prosadora e trocadilhista emérita. Nasceu em Niterói, à rua do Rei, casa então sob o numero 32, viveu muitos anos de sua vida em Campinas onde faleceu em abril de 1935. Quando a conheci, já idosa, ainda dispunha da sua viva inteligência, ainda encantava pelo seu espírito em constante loquela de versos e trocadilhos, como reminiscência de um passado de brilho, de atividade nas letras e nas palestras, destacando-se em grupo fraterno de gente de valor.

A carta rimada, que chegou até nós, escrita do Rio para o irmão (Dr. Guilherme da Silva que em dois de dezembro de 1894 completava trinta e nove anos de idade, tem o sabor grotesco de suas produções e com o chiste nos descreve detalhes de coisas campineiras. Faz referência à intervenção que teve a missivista nas festas anteriores, nomeia os convidados, Sales, Eugênio, Adriano que são figuras do passado campineiro, com relevo e benemerência.

Sales, é Rafael Gonçalves de Sales, bairiano de nascimento, farmacêutico fixado em Campinas, proprietário da farmácia do Largo da Catedral onde está hoje o Terminus, nos baixos do velho sobradão que pertenceu ao Major Francisco de Campos Andrade, abastado e importante fazendeiro e ramo de uma das mais nobres famílias da terra. A farmácia do Sales era ainda a "bigornia" do grupo diáritamente

reunido e sempre amigo, e consultório médico como então se usava. "Seu" Sales que se trajava muito bem com numerosos ternos de roupa, enriqueceu, tinha para sua residência o prédio da rua Francisco Glicério esquina da Ferreira Penteado (ainda existente) e possuía outros imóveis que legou à Santa Casa, fazendo o seu nome abençoado pela sua caridade.

O Eugênio, como nos conta a cronista culta e campineira Camilla Barbosa de Oliveira (D. Camillota) era um Barbosa de Oliveira, engenheiro nascido em Paris, residente no Rio e com demoradas passagens por Campinas casado primeira e segunda vez com duas Langgard, nome este ligado com brilho à história de nossa terra.

Adriano de Barros era médico, como o amigo, conhecidíssimo e muito benquisto em Campinas onde foi sacerdote na profissão; mudou-se mais tarde para São Paulo tornando-se grande industrial, instituindo vultoso patrimônio ainda em mãos dos seus descendentes que se não esquecem da origem campineira.

Lalá que sentava-se ao lado da dona da casa, era filha dos Barões de Ataliba Nogueira e, como elemento das melhores famílias, educada ao gosto e requinte da época, com suas governantes francesas, versando esta língua de modo corrente, usando modos e modas de Paris para onde se viajava por prazer e maior apuro. Estava, então, D. Lalá, casada com Albino José Barbosa de Oliveira enquanto sua irmã, a linda D. Camila, se casara com o irmão deste, Dr. Luiz Albino.

Depois são os doces da festa que impressionam a missivista com "agua na boca" pelos primores da arte de D. Lucinda, doceira notável que tanto regalo deu aos nossos avós. E a carta se estende pelas festas da posse de Campos Sales na presidência da Republica, agradáveis aos campineiros então exultantes com o conterrâneo guindado à mais alta posição governatória do país.

A família de Alex há muito se havia ligado a Campinas: seu tio paterno, Dr. Luiz Gonçalves da Silva Vaz, aqui se radicou por muitos anos como médico de grandes serviços prestados à cidade onde lhe nasceu a filha Nicolina Vaz, a grande escultora à cuja apurada sensibilidade artística deve o Brasil magníficas obras de arte.

Alex era filha de Bento Gonçalves da Silva Junior, nascido em Macaé onde seus pais, Bento e Rita Maria Gonçalves da Silva, residiam e eram proprietários da fazenda do Pindola e onde faleceram. Casou-se Bento Junior no Rio de Janeiro, na Matriz de São Francisco Xavier do Engenho Velho, com D. Leonor Xavier Alves que residiu e faleceu em Campinas, deixando cara lembrança aos intimos e o exemplo dado nos embates de sua viuvez precoce com oito filhos.

Destes filhos, tres formosas jovens faleceram entre as idades de vinte e cinco anos. Dos remanescentes, o mais velho, Bento, foi abastado comerciante no Rio e aí ficou sua descendência; o seguinte foi o Coronel Pedro Guilherme Alves da Silva, brilhantíssimo oficial do nosso exército, valoroso soldado falecido aos quarenta e dois anos de idade no posto para o qual havia sido promovido "por atos de distinta bravura", tendo em seus funerais verdadeira consagração aos seus grandes méritos.

Dentro da ordem cronológica, o filho seguinte foi o Dr. Guilherme Alves da Silva que doutorando-se em medicina no Rio de Janeiro, em 1878, passou logo a residir em Campinas para viver sua vida de médico notável, culto, talentoso, poeta e literato, a se destacar pela solidez de sua competência e pelo seu temperamento jovial e animoso. A sua dedicação desinteressada a todos que se valiam da sua ciência, o fez um dos mais estimados elementos de Campinas do ultimo quartel do século passado e da primeira década do presente. No dizer de contemporaneo seu, "a cabeceira de um doente, a sua alegria empolgante e a sua serena confiança no próprio saber muito concorriam para levar aos mais desanimados a coragem e a esperança".

Pela sua benemerência foi o Dr. Guilherme agraciado com a comenda imperial da Ordem da Rosa. Faleceu ele em 1912, deixando oito filhos campineiros; sua descendência o honra pelo caráter e pela inteligência, sendo seu neto materno Guilherme Figueredo, o teatrólogo brasileiro e campineiro de maior renome mundial na atualidade.

Na irmandade, a seguir, nasceu Alex e depois sua irmã caçula D. Ana Alves da Silva Lapa, de rara formosura, casada em tradicional família de Campinas para aqui deixar toda a sua descendência.

Alex, D. Alexandrina ou a Marquesa de Marilá, destacou-se entre os talentos da família com produções de prosa e verso e publicidades jornalísticas. Ainda mocinha já compunha jornaizinhos manuscritos para bisbilhotar com os parentes, amigos e

conhecidos, com espírito, ora com dosada malícia, jovial e alegre, perspicazmente alertando nos casinhos de amor, nas paixões das moçoilas, nos "iz-que-disse sociais, levando a palma dos cronistas pela graça e inteligência e dando-nos tiradas como esta, em "A Ducha" de 10-2-1878: "Gramática — O acento é um sinal que se coloca sobre algumas palavras como, por exemplo, sofá".

Como Marquesa de Marilá, deixou muitas maximas das quais temos à mão:

"A mulher nunca deve guardar o dinheiro do marido para que ele não se habitue a chama-la sua burra".

"Há homens tão loucos que julgam impossível haver um dia de juízo".

"Todos querem ganhar dinheiro fingindo-se às vezes cegos quanto à origem dos lucros; pois até a justiça já pôs uma venda".

"Há homens tão destituídos de ambição que quando lhes morrem parentes são herdeiros forçados".

"O homem deve escolher para casar-se uma mulher clara para que o futuro não lhe pareça negro".

"Tantos homens se queixam da avaria da mulher, no entanto existem muitos que precisam de uma vara para corrigir seus desmandos".

No seu temperamento vivo e alegre, seu versejar era fluente e espirituoso, deixando-nos sonetos cheios de "verve" como o que ela intitulou "Grandeza d'alma":

"Certo senhor costumava dar tudo quanto podia. Nunca dinheiro negava ao pobre que lh'o pedia.

Dar; sempre dar; lhe ditava a sua grande mania. Não; que sem dar não passava mesmo que fosse um só dia.

Viu seu dinheiro acabar, mas, aí, somente na cova há de a mania deixar.

Nunca a fortuna renova, porém não cessa de dar; dá na mulher cada sóva!"

A Marquesa de Marilá colaborou na imprensa de Campinas, do Rio de Janeiro e de outras cidades deste Estado, observando modas femininas, hábitos da época e a política do país que bem lhe servia para as pilhérias e trocadilhos. Em 1909 estava o governo da Republica ocupado, na presidência por Afonso Augusto Moreira Pena e no Ministério da Justiça por Augusto Tavares de Lira. Alex em sua defesa e para uma critica na habitual facécia, escreveu arquitetando uma discussão entre republicano e um monarquista deserente dos próceres do novo regime, terminando com este trecho saboroso:

"o partidário da Republica enumerava os homens de reconhecida capacidade moral e intelectual por ela prontos a sacrificar-se; pareceu-me que com ele estava a razão, e lembrando as insistentes afirmativas do outro, fiquei a resmungar:

Dizer que a pobre pequena não tem adeptos! Mentira! Por ela o Afonso pena e o Tavares delira"

Já velha, quando os pesares da vida vão calando mais fundo, os cantares da poetisa tomaram cambiantes enuviados como os formosos tercetos finais de soneto de saudação a um pregador de retiro de senhoras, o Padre Levignani, grande e erudito jesuita, ao qual saudou com este fecho:

"Vossa palavra que a verdade exprime, derrama em nossa alma tanta luz que o nosso peito oprimido desopprime.

Vós nos fazels seguir o bom Jesus e assim, seguindo a cruz que nos redime mais leve nos parece a nossa cruz".

E como alento de sua alma nas horas sofredoras, ficou o seu triste chorar, o soneto "Treze de dezembro":

"Foi neste triste a maldadado dia que eu conheci a dor e a desventura: vi de meu pai a horrirel agonía, vi seu corpo baixar à sepultura.

Anos se passam; e uma atroz tortura da-me, de novo, a data tão sinistra: Rouba-me o esposo amado com ternura, leva-o também p'ra eterna noite fria!

Data fatal, cruel e sem piedade! Meu pobre coração que mal te fez p'ra ser ferido assim mais de uma vez?

Tu foste de uma incrível crueldade: trouxeste-me os horrores da orfandade e as tristezas sem fim da viuvez!"